

II

A Heraclea e a Argonautica: — Viagem ao Jardim das Hesperides

Se a expedição a Erythia é innegavelmente a legenda da primeira exploração marítima dos Phenícios para o Mar do Norte, tratada pelos Gregos do modo que acabamos de vêr, e que muito nos importava conhecer como uma variante da expedição dos Argonautas, a viagem ao Jardim das Hesperides é não menos manifestamente a legenda da primeira exploração phenicia para a costa occidental da Libya, e que da mesma sorte nos convém conhecer, porque os Argonautas também ahí foram parar.

Como no 10.º trabalho, o ponto de partida é Tartesso ¹; mas o alvo da nova empreza é agora o

¹ Pherecydis, fragm. 33.

Jardim das Hesperides na direcção do Mar Austral.

O que eram porém as Hesperides e onde ficavam? É de vêr que vamos encontrar o mesmo amalagama de fabula e d'história, que encontramos na viagem ao norte, e que temos d'entrar n'um outro labyrintho.

Quanto á sua posição geographica, admittindo a opinião dos mythographos que as faziam filhas de Atlas, é pelas proximidades do Atlas que as devemos procurar. Mas onde ficava o Atlas? e ainda o que era elle? M. Decharme, fundado n'um texto da *Odyssea*, em que Atlas apparece familiarizado com as profundidades do mar, pretende vêr n'elle uma entidade maritima, desprezando a idéa geralmente seguida, que o considera como uma montanha ². Não nos parece porém que o texto homerico se preste a uma similhante interpretação. Por outro lado as indicações dos Errores são sempre de tal valia, que nos parece tambem que, se os geographos tivessem attendido a ellas, não sustentariam opiniões tão encontradas sobre a posição do celebre monte. O Atlas era realmente um deus-montanha, que na linguagem figurada da *Odyssea* conhecia os profundos abysmos do mar? Elle não era então outra cousa senão um promontorio na costa occidental da Libya e que se tornava notavel, por estender-se pelo mar dentro. Segundo a velha tradição, o supposto gigante habitava nos confins da terra e

² Decharme, *Mythologie de la Grèce antique*, pag. 295.

nenhuma dúvida pôde haver, em face da *Heraclea*, que estes confins da terra se tornaram o *nec plus ultra* da segunda expedição marítima do semi-deus. Quer dizer: aqui temos as extremidades do mar e da terra na direcção diametralmente opposta á viagem ao norte, e é aqui, como se vê, que deveria ficar a columna libyca, que os Gregos levianos localisaram no Estreito de Gibraltar, pondo-a symetricamente em face da columna europea.

Do mesmo modo que tivemos de remover esta para o Mar do Norte, temos de procurar para a segunda uma posição muito differente da que lhe tem assignado a rotina, e por fortuna a difficuldade não é grande. O Atlas e as Hesperides nas suas immedições foram o limite da expedição d'Hercules, o *nec plus ultra* da navegação no Mar Austral — limite que os mareantes posteriores se não atreveram a ultrapassar? N'este caso uma passagem de Scylax diz-nos qual a região, onde havemos de concentrar as nossas investigações.

Conforme este geographo, o *nec plus ultra* da navegação dos antigos para o Mar Austral era Cerne, por uma razão muito simples: de Cerne por deante, diz elle, o mar é innavegavel em consequencia da sua pouca profundidade e do limo e das algas que o enchem³.

Tem-se discutido o que é e onde podia ficar o mar innavegavel de Scylax. Se acceitamos sem preocupações os dados itinerarios do geographo, in-

³ *Scylacis periplus*, 112.

teiramente d'accordo com Hannon ⁴, Cerne e o mysterioso mar distava 12 dias do Estreito de Gibraltar e deve ser portanto procurado pelas alturas do Cabo Bojador. Ora, a proposito do Bojador nós abrimos João de Barros e lemos: « Principalmente porque no rosto do Cabo achavaõ hũa restinga q̃ lançava para o mesmo rumo daloeste obra de seis legoas: onde por razaõ das agoas q̃ aly correm naquelle espaço, o baixo as move de maneira, que parecem saltar e ferver: a vista das quais era a todos tam temerosa que não ousavaõ de as cometer, & mais quando viam o baixo ⁵. »

E pouco depois: « ... somente cõ a vista do ferver destas agoas & baixo q̃ achavam, concebiam que o mar daly por diante era todo aparcellado, & nam se podia navegar: & q̃ esta fora a causa por-

⁴ Comp. *Hannonis periplus*, 8. O snr. Karl Müller, nas suas notas ao Periplo d'Hannon e o snr. Vivien de Saint Martin, na sua obra, *Le Nord de l'Afrique*, são unanimes em suppôr viciado o texto d'Hannon, quanto ao dado itinerario de 3 dias desde o Lixus a Cerne. A lição original seria de 13 dias e não de 3. Assim Hannon, que declara expressamente ter gasto tantos dias de navegação de Carthago ao Estreito de Gibraltar, como d'este a Cerne, diria que aquella navegação se fazia em 22 dias. Mas, se Scylax (v. 114) diz tambem expressamente que do Estreito a Cerne se gastavam 12 dias e de Carthago ao Estreito 7 dias e 7 noites, é verdade que em casos excepcionaes, *navigazione prosperrima*, que razões ha para suspeitar da lição actual do texto d'Hannon e para o pôr em contradicção com Scylax? Salvo o devido respeito aos dous illustres sabios, quer-nos parecer que o desejo de localisar a celebre Cerne segundo o modo de vêr de cada um (não ha concordancia entre elles), os obrigou a levantar duvidas onde as não pôde haver.

⁵ João de Barros, *Decadas*, I, II.

que os povoadores desta parte da Europa nam se estenderão a navegar contra aq̃llas regiões. »

Para nós, claro como o sol, o mar innavegavel de Scylax e o mar innavegavel de Barros são uma e a mesma cousa. Não é menos indubitavel para nós que o relógio de Scylax andava atrazado, como dizem os Francezes, e que, por desconhecer as explorações d'Hannon, as suas noticias alludem ainda á epocha, em que estava radicado entre os antigos phenicios o mesmo prejuizo, que dominava no seculo xv entre os mareantes da Hispanha⁶.

N'este presuppосто, é pelas alturas do Bojador que não podemos deixar de collocar o *nec plus ultra* do 11.º trabalho e imagina-se o que será na nossa opinião o Atlas penetrando nas profundidades do mar: é o Bojador mesmo com a restinga de seis leguas, que lhe ficava no rosto, segundó a phrase de Barros.

Quanto ás Hesperides, suas filhas, pôde quasi affirmar-se que houve uma certa epocha em que a phantasia dos Gregos se empenhou em as desfigurar o mais que pode. Bem que Pherecydes, por exemplo, dissesse expressamente que o Jardim das Hesperides ficava n'uma certa ilha do Oceano occidental⁷, a grande maioria via n'ellas umas nymphas

⁶ As analogias são tão completas, que por Azurara, *Chronica etc.* cap. viii, se vê, que, não obstante aquelle prejuizo, algumas noticias havia sobre os paizes que ficavam para além do pretendido mar innavegavel, e não tardaremos a vêr tambem que Cerne ficava para além do mar innavegavel de Scylax e como a noticia d'estas regiões se vulgarisou.

⁷ Pherecydis, fragm. 33.

sertanejas, habitando no continente africano. Felizmente, estes mesmos phantasistas conservavam-lhes ainda a particularidade de se transformarem em arvores e este traço é altamente significativo. Sabe-se que as ilhas isoladas, vistas a grande distancia, parecem uns como nevoeiros, e, se são arborizadas, vão-se transformando n'um bosque, ao passo que o navegador se aproxima d'ellas ⁸.

Aqui está a origem da fabula das Hesperides transformadas em arvores e de seu Jardim, que Pherecydes punha n'uma certa ilha do Atlantico. Em summa, as Hesperides não eram senão ilhas do Mar Austral e nós escusamos de gastar tempo a identifiical-as, quando vemos os geographos, sem embargo dos devaneios dos poetas, identifiical-as francamente com as Fortunatæ, as Canarias ⁹.

As Hesperides da Argonautica phenicia eram certamente as Canarias e a sua posição perto do Bojador explica a razão, por que ellas eram chamadas filhas do Atlas. Isto queria dizer, nem mais nem menos, que eram consideradas como filiadas no grande promontorio libyco, que penetrava pelas profundidades do mar ¹⁰.

A restauração da grande empreza d'Hercules ás Hesperides parece-nos pois poder fazer-se com segurança nos seus traços essenciaes. A expedição, partindo de Tartesso, chega até o Bojador, onde,

⁸ Comp. João de Barros, I, III, fallando das ilhas do Atlantico, que primeiro apparecem como sombras.

⁹ Diniz Periegeta, Strabon, Ptolomeu.

¹⁰ Comp. Aristoteles, *Meteorologica*, II, VIII, 49.

encontrando o mar innavegavel de Scylax e de Barros, cuida vê o *nec plus ultra*, que ninguem para o futuro se atreverá a vingar.

N'esta expedição o successo mais proveitoso para os exploradores foi, ao que se vê, a descoberta das Canarias (Hesperides); foi esta descoberta pelo menos, que ficou formando a caracteristica do 11.º trabalho.

Nós dissemos o successo mais proveitoso; porque, quanto á parte dramatica, ha um outro que não deixou impressões menos indeleveis. Os navegantes viram-se a braços com um formidavel perigo maritimo, que outra cousa não significa a lucta d'Hercules com um filho de Neptuno, o Anteu dos Gregos. Este episodio, d'uma extrema importancia, como veremos, foi de tal sorte deturpado pelos ultimos interpretes, que ninguem dirá que se esconda n'elle um problema historico e geographico de primeira ordem. Onde se deu o temeroso combate? A rotina tinha estabelecido que em Tingis, e ainda no tempo de Sertorio se descobrira a ossada do fero adversario d'Hercules ¹¹. Remontando porém á Heraclia de Pherecydes, infelizmente fragmentaria, vê-se bem de que natureza era esse luctador, que não permittia a ninguem a passagem pelos seus dominios maritimos, sem que experimentasse forças com elle.

Trata-se evidentemente d'um desastre, a que os

¹¹ Plutarcho, *Sertorio*. Tambem a ossada de Geryon tinha sido encontrada em qualquer parte.

expedicionarios escaparam por milagre, e o theatro d'este perigo nada tem de commum com Tingis, pois que Pherecydes nos conta que o adversario d'Hercules habitava pelas immedições do Lago Triton ¹².

É por esta ultima circumstancia que a noticia de Pherecydes se torna importante. Na tradição seguida por elle, Hercules tinha passado um perigo sério nas proximidades do Lago Triton do occidente da Libya, e o episodio teve logar antes do das Hesperides do Atlas.

Agora uma outra noticia de Diniz de Mileto, que tambem se occupára da legenda dos Argonautas, diz-nos que o Lago Triton do occidente da Libya ficava pelas immedições do Atlas ¹³.

É ainda pelo Bojador que o havemos de procurar? Com as vagas indicações de Diniz e de Pherecydes não podemos chegar a um resultado satisfactorio, mas vamos já vêr de que parte inesperada nos vem a luz.

Os Argonautas tambem foram parar ao Lago Triton e ao Jardim das Hesperides. Aqui está porém a narrativa d'Apollonio: voltavam os heroes para Iolchos, depois da sua trabalhosa expedição a Ea, quando nas alturas do Cabo Maleu, no Peloponeso, os salteou uma tempestade que os trouxe perdidos nove dias pelo Mediterraneo, arrojando-os por fim aos baixios da Grande Syrte. Para safarem

¹² Pherecydis fragm. 33.⁴

¹³ Em Diodoro Siculo, III, 52-3.

a nau d'este perigo, não acham outro meio senão pegar n'ella aos hombros ; mas, em vez de tomarem a direcção do mar para ahi a pôem a nado, escolhem o mais extraordinario dos expedientes, porque é ao Lago Triton de Berenice que elles vem ter, ao fim de doze dias de fadigas. Ahi, devorados por uma sede ardente, procuram uma fonte e acertam em penetrar no Jardim das Hesperides. E percorrem-no impunemente ; porque o dragão, que o defendia d'antes, revolve-se nas ultimas agonias, e da bocca das proprias Hesperides recebem elles a noticia de que ainda na «vespera» estivera alli um homem terrivel, que esmagára o monstro, roubando os preciosos pomos confiados á sua guarda. Os mais ageis dos heroes chegam a correr, bem que inutilmente, atraz do vencedor do monstro, que logo vêm ser Hercules, o querido companheiro que haviam perdido no principio da expedição. Voltam ao Lago Triton e atinando com a sahida d'elle, o que não era facil, velejam para Creta e entram finalmente em Iolchos, depois d'alguns incidentes, que não vem a proposito especificar por agora ¹⁴.

Assim, embora casualmente, os Argonautas vão ter ao Lago Triton e ao Jardim das Hesperides, não havendo a menor duvida de que um e outro são os da Heraclea ; mas, enquanto todos os 'biographos d'Hercules collocam o Jardim das Hesperides na costa do occidente da Libya, e Pherecydes e Diniz

¹⁴ *Argonautica*, IV, 1228 e seg. Vid. carta primeira no fim do volume.

de Mileto nos indicam o Lago Triton para as mesmas regiões, Apollonio vem collocar tudo isto na Cyrenaica.

Já deve prevêr-se que andam aqui illusões, muito identicas ás que desorientaram os mythographos gregos de certa epocha com relação á viagem ao norte. Cá temos uns Argonautas gregos, contemporaneos d'Hercules, e portanto anteriores á guerra de Troia; e, visto que na expedição a Ea o Euxino foi substituido ao Mar do Norte, nada admiraria que a costa occidental da Libya fosse agora substituida pela sua costa mediterranea, facilmente accessivel a navios gregos.

O que importava porém antes de nada era apurar o valor da geographia do nosso poeta n'esta parte da sua narrativa, attendendo ás minuciosidades e á viveza da cõr local que a caracterisam. Esta descripção, a tantos respeitos notavel, é a obra d'um geographo erudito, familiarisado com a Grande Syrte e a Cyrenaica, e que se pôz a phantasiar um itinerario, tal qual o deviam percorrer uns pseudo-argonautas gregos, que uma tempestade atirasse para aquellas paragens?

Similhante hypothese fascinará com certeza a maioria dos leitores; mas ella cae pela base, desde que se repara que a famosa descripção se não accommoda de modo algum á topographia, que deveria ter por modelo. Com effeito é preciso desconhecer absolutamente a topographia da Grande Syrte e da Cyrenaica, para escrever que, naufragando nos baixios da Grande Syrte, os mareantes não acharam outro meio de safar o seu navio para o mar, senão trazendo-o aos hombros para o Lago Triton de Benice. A imaginação mais desregrada não podia in-

ventar um tal itinerario, conhecendo a posição dos baixios e a do Lago.

Ponhamos de lado o Jardim das Hesperides nas vizinhanças de Berenice ¹⁵. Para sahir do Lago de Berenice não é preciso conhecer segredo nenhum, como se lê em Apollonio; basta seguir o curso do rio, que põe o Lago em communicação com o mar.

Sahindo do Lago, os Argonautas tiveram de tornear um grande promontorio, pelo qual se estendiam grandes baixios, e baixios perigosos, que o genio do Lago lhes aconselhou evitar. Na Cyrenaica não ha promontorio com nenhuns baixios perigosos.

Da Cyrenaica para Creta pôde navegar-se em tres dias; mas, para que nenhum dos incidentes d'este roteiro deixe de conter alguma extravagancia, aqui temos os navegantes chegando a Carpathos, antes de chegar a Creta, quando esta ilha se interpõe exactamente entre a de Carpathos e a Cyrenaica.

Vê-se pois que o itinerario dos Argonautas na Libya não é, como podia suppôr-se, o trabalho d'um phantasista grego, que copiou do natural uma região muito sua conhecida.

O processo, seguido por Apollonio ou pela sua eschola na viagem a Ea, suscita então outra hypothese — a saber, se do mesmo modo que os mythographos gregos adaptaram ao Euxino uma geographia que nascera para o Mar do Norte, elles não adaptariam com a mesma inconsciencia á Grande

¹⁵ Esta extravagancia já se encontra em Scylax e apparece mais depois em Ptolomeu e outros geographos.

Syrte e á Cyrenaica uma geographia que tinha nascido para o occidente da Libya. Esta suspeita torna-se vehemente, quando, estudando mais de perto os textos d'Apollonio, se descobrem n'elles « absurdos » muito parecidos aos que na viagem a Ea nos denunciaram a verdadeira posição da ilha e o verdadeiro itinerario da volta.

Tambem agora, bem que o poeta imagine as Hesperides perto do Triton de Berenice, diz-nos todavia que ellas habitavam « in agro Atlantis »¹⁶, portanto perto do Atlas, que nunca ninguem sonhou na Cyrenaica. Revelação ainda mais significativa: para elle o Lago Triton é o de Berenice; não obstante, diz-nos muito terminantemente que o que mais incommodava os Argonautas, encurralados n'aquelle Lago, eram os ventos ardentes que sopravam no Mar Austral¹⁷.

¹⁶ *Argonautica*, iv, 1398.

¹⁷ *Argonautica*, iv, 1537-8. Alguns traductores, como Costa e Silva, têm desfigurado inteiramente esta importante passagem. O traductor portuguez escreve:

Quando os ventos austraes no mar sopravam,
Se recolhem á nau.

Mas o traductor da edição Didot escreve sem hesitação:

At quum jam navem ingressi essent, urente vento
per mare australi.

A allusão ao calor tropical apparece a cada passo na viagem á Libya. Na Heraclea, o heroe sentir-se-hia tão incommodado com elle, que chegaria a desfechar algumas settas contra o Sol. (Pherecydes, fragm. 33.^a Emende-se por esta citação a da nota 4, cap. i)

Por estas noticias é para as immediações do Atlas e para o occidente da Libya, lavado pelo Mar Austral, e não para o Mediterraneo, que o nosso mythographo nos manda procurar, sem dar por isso, o theatro das scenas, que sem duvida alguma na sua concepção deviam ser localisadas na Grande Syrte, na Cyrenaica e nas ilhas do Mar Egeu.

Seguindo estas indicações, nós vamos vêr se com effeito á costa africana sobre o Atlantico se accomoda bem a geographia, que já sabemos não poder accomodar-se nem bem nem mal á costa do Mediterraneo, como o poeta imaginava.